

ARTE E CULTURA DE MASSA*

Rubens Tavares

De maneira clássica, a arte pode ser definida como tudo aquilo que, ao impressionar nossos sentidos, causa espanto, polêmica, discussão. Mas a arte também é expressão de um conjunto de valores que pode traduzir-se em arte com perspectiva política¹ ou arte engajada.²

A arte pode ainda estar na fotografia, que vira arte quando capta, por exemplo, imagens que ficam gravadas no papel, na memória, como a imagem de Ernesto Che Guevara, feita pelo fotógrafo Ricardo Corda, que registrou Che em um comício³ e esse registro influenciou movimentos revolucionários desde os anos 60 até hoje. A importância da fotografia está também quando ela acaba por ser, muitas vezes, o único documento de algum fato. Além disso, cabe lembrar que as imagens podem influenciar quem as vê, despertando a consciência de fatos que muitas vezes não seriam percebidos.⁴

Por outro lado, a arte pode tornar-se um objeto de consumo, quando as técnicas de reprodução permitem

Biografia

*Rubens Tavares Professor de Filosofia da Faculdade de Campina Grande do Sul, FACSUL

1 Aqui cabe lembrar enquadramento proposto pelo período stalinista, quando a arte necessariamente teria que expressar o movimento proletário, ficando reduzida a mera propaganda política sem considerar o seu valor estético.

2 Um exemplo dessa arte são os painéis de Diego Rivera, que expressam a luta dos trabalhadores por melhores condições de vida; ou, ainda, o painel Guernica, de Pablo Picasso.

3 O fotógrafo não teve a pretensão de que aquela imagem se tornasse um símbolo estampado em camisetas ou cartazes, se transformando em objeto de consumo em grandes lojas de departamentos.

4 Um exemplo disso é a imagem do jornalista norte americano morto durante a revolução nicaraguense, quando a guarda nacional instrumento da ditadura de Anastácio Somoza, ditador da Nicaraguá, em uma *blitz* pelas ruas de Managuá, parou uma equipe norte americana de televisão e acabou assassinando o jornalista Bill Stewart sem saber que o seu cinegrafista a tudo gravava. A imagem percorreu o mundo, colocando em xeque o apoio do governo norte-americano à ditadura somozista.

que se quebre a aura⁵ que a arte até então tinha, permitindo que tenhamos reproduções fielmente perfeitas ao original, como o quadro *Abapuru*, de Tarsila do Amaral, impressa em copos de requeijão.

Também deve-se considerar que a arte ultrapassa a perspectiva dos sentidos, da própria razão, atingindo nosso imaginário, que ao percebê-la faz uma leitura de sua simbologia. Por exemplo, os painéis de Poty Lazaroto, mais precisamente o da praça 19 de Dezembro, em Curitiba, que contam a história do Paraná desde a mineração até a separação de São Paulo: apesar de serem uma representação linear da história, não perdem o seu valor artístico e simbólico, uma vez que se encontram em uma praça, ou seja, em um espaço público. Então, simbolicamente, todos nós participamos da história, direta ou indiretamente, quando passamos por aqueles painéis.

Outra forma de arte em nossa contemporaneidade são os *out doors*⁶, que inundam as cidades com imagens que reproduzem mentalidades, costumes, padrões estéticos, políticos, econômicos; e se a sua leitura não for devidamente feita, eles acabam impondo preconceitos e valores em grande parte conservadores, os quais transformam tudo em uma simples operação de consumo.

Os grafites também são uma outra manifestação contemporânea importante e não devem ser confundidos com a pichação, pois os pichadores⁷ simplesmente marcam territórios, já os grafiteiros transformam paredes cinzas em arte. O grafite é a expressão da arte urbana, da arte marginal, transformando os muros em grandes salas de exposição abertas a todos aqueles que percorrem os caminhos. Independente do poder aquisitivo, da cor, da situação cultural, todos têm acesso à elas. E, em muitos casos, o que era considerado por uma elite ignorante como arte marginal, acaba se transformando em arte encerrada nos museus ao lado de obras consideradas eruditas.⁸

A arte também pode expressar o descontentamento, a esperança, a crítica a sistemas políticos, a padrões éticos; é só lembrar do maio de 68, na França, quando *a imaginação tomava o poder*, a poesia ganhava a rua, e os *professores tomavam o*

5 BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

6 Espaços de propaganda que acabam por representar o espaço urbano da segunda metade do século XX, utilizados tanto para a propaganda de consumo como para a imagem política, e que, em alguns casos, podem expressar obras de criatividade, audácia e conscientização.

7 A distinção faz-se necessária pois que há ainda uma confusão entre as palavras simplesmente grafadas como forma de personificar indivíduos, marcar territórios e os grafites, que em muitas vezes expressam as angústias urbanas, como a violência, a miséria e que são reconhecidos como expressões simbólicas altamente sofisticadas quanto ao tema e a técnica.

8 Cabe lembrar Basquiat e o profeta Gentileza, pois eles se aproximam na medida em que suas produções usam o espaço das grandes cidades, expondo a sua obra para a "massa" e não a enclausurando nas salas de poucos para poucos.

elevador e a arte representava o novo, a vanguarda, a revolução.

Também não se deve esquecer do cinema, que ao longo do séc XX transformou-se em arte, e, se em um primeiro momento ele era apenas uma atividade de entretenimento, rompeu com essa perspectiva e acabou por se transformar em arte de massa para alguns e arte de elite para outros. Mas é inegável que sua influência ultrapassa fronteiras, regimes políticos, concepções religiosas, *atingindo mentes e corações*⁹. O cinema, ou melhor, uma vertente dele, tornou-se cinema político, como Costa Gravas, Einsentein, Glauber Rocha; também tornou-se cinema de crítica social e ética, como Carlos Saura, Fellini, Godart e Almodóvar.¹⁰

Considero que as impressões riscadas nas carteiras escolares são, igualmente, manifestações artísticas que expressam imagens, vontades. Pois ao riscar as carteiras, os sujeitos estão como que dizendo que querem ser ouvidos pelo poder estabelecido, que os ignora e não os percebe. É através destes riscos, rabiscos, palavras e imagens que os sujeitos se querem fazer presentes e atuantes, e não ausentes.

Há, ainda, outra perspectiva da arte: as vitrines das lojas, os *shopping centers*. Elas expressam o ícone máximo da sociedade de consumo. Como diria José Saramago, em seu livro “A Caverna”¹¹: “Estamos voltando à caverna”, ao contrário de Platão, pois deveríamos sair dela. Os *shopping centers* são sua expressão máxima, pois tudo no interior dessas cavernas modernas é *fake*, desde a temperatura às imagens, os transeuntes, a segurança, tudo *clean*, ao contrário do que se passa fora da caverna, onde tudo é *hard*. As vitrines passam a expressar a vontade de desejo do consumo, nem que para isso tenham que se decorar com imagens reproduzidas de arte, sejam de Andy Whoroll, Frida Kallo ou Salvador Dali. Todos são usados para despertar primeiramente os nossos sentidos em relação à arte, para em seguida associar essas imagens aos produtos que estão sendo vendidos.

Depois dessa exposição sobre os problemas que a arte suscita no momento em que estamos vivendo, sem dúvida não se pode deixar de lado a relação entre arte e massa, poder e estética, mídia e política, consumo e propaganda. Ao se indagar sobre o conceito de massa, que é muito amplo, poderíamos, primeiramente, pensar em que tanto arte, como cultura e cidadania são direitos básicos de todos. Então, neste caso, poderíamos entender que não existe uma arte de massa ou uma arte para a massa, ou um teatro de massa, ou ainda uma música de massa, mas, sim que a arte foi expropriada por uma minoria em relação à maioria e que, desta forma, a maioria e mesmo a minoria encontram-se alienadas em relação à sua própria identidade. Ou

9 Referência a um documentário essencial para se entender a guerra do Vietnã.

10 Evidentemente não se pode de maneira nenhuma enquadrar a produção cinematográfica entre políticos e não políticos, mercadológicos e arte, pois não podemos simplesmente dualizarmos, entre bom e ruim, caindo no erro de não aceitarmos o terceiro excluído, operando num lógica primária e arcaica.

11 SARAMAGO, José. *A caverna*. São Paulo: Ed. Companhia das letras, 2000

seja, ao falarmos de uma arte de massa *versus* uma arte de elite, estamos reproduzindo uma falsa concepção de que existe uma única arte.

Mas não se pode deixar de perceber que, infelizmente, a sociedade do capital transforma tudo em mercado livre e, neste sentido, as produções de arte, sejam a música, a pintura, a poesia, o cinema, ou a televisão não escapam disso. Também devemos perceber que nos grandes instrumentos de massa nos séculos XX e XXI (a televisão, o cinema, o jornal) podemos encontrar em suas franjas, nas suas dobras, excelentes propostas de pensar e repensar o conceito de arte, de massa, de estética.¹²

Então, pode-se avançar no entendimento do conceito arte-massa e suas relações no sentido em que entendemos a cultura, a arte como um direito básico de todo o indivíduo e todo coletivo, ou seja, um direito do cidadão, entendido como aquele que, independente de sua situação de classe, tem esse direito, ao contrário do conceito burguês de cultura, que se apropria das manifestações culturais em benefício de sua classe. Assim, poderíamos contrapor o *citoan* (cidadão) ao *bourgeois* (burguês), pois é a sociedade burguesa que, ao se apropriar da arte para si, cria a falsa divisão entre arte de elite e arte de massa para exatamente não permitir que todos possam ter este direito.

Enfim, arte e massa estão diretamente relacionadas e articuladas, entendendo que arte são imagens que causam espanto e têm múltiplas finalidades e que massa é um conceito equivocadamente de povo, defendido pela oposição entre *bourgeois* e *citoen*. A arte está para massa assim como a massa está para a arte, pois sem uma relação entre uma e outra, nem a arte cumpre a sua função, que é de implodir a separação entre burguês e cidadão, e nem a massa cumpre a sua função, que é deixar de ser massa e tornar-se cidadão consciente no gozo pleno dos seus direitos.

Arte e massa completam-se, pois uma não pode separar-se da outra porque, ao separar-se, o *bourgeois* aliena o *citoen*, e, desta maneira, mantém-se a indústria de massa em pleno funcionamento. Todos têm direito a tudo, e esse tudo independente de qual lugar social, político, ideológico o objeto artístico é produzido.

12 É o caso de algumas minisséries, como “Hoje é dia de Maria”, da rede Globo, que revolucionou conceitos de espaço-tempo, belo-feio, imagem-som, atuação-representação, concepção e finalidade, rompendo com padrões até então estabelecidos pela óptica do produto, venda, aquisição, consumo.

REFERÊNCIAS

CHAUI, Marilena. *Cidadania cultural o direito à cultura*. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

CHAUI, Marilena. *Simulacro e poder uma análise da mídia*. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

DEBORD, Guy *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

NOVAES, Adauto. *Muito além do espetáculo*. São Paulo: SENAC, 2004

SILVA, Armando. *Imaginários urbanos*. São Paulo: Perspectiva, 2001